



4792 - Trabalho - 39ª Reunião Nacional da ANPEd (2019)
 GT06 - Educação Popular

Cantos, danças e resistência: Processos educativos no Coral Trovadores do Vale
 Pedro Augusto Dutra de Oliveira - UFSCar - Universidade Federal de São Carlos

CANTOS, DANÇAS E RESISTÊNCIA: PROCESSOS EDUCATIVOS NO CORAL TROVADORES DO VALE

RESUMO

A pesquisa de doutorado que resultou no presente trabalho, teve como objetivo descrever e analisar processos educativos desencadeados a partir do Coral Trovadores do Vale, uma prática social em que participam mulheres e homens da cidade de Araçuaí, Vale do Jequitinhonha. Ele está em atividade há 49 anos, com um repertório que percorre cantos de trabalho, cantos de roda, cantos religiosos e danças. Partimos da problemática de que o legado colonial e moderno marginalizou saberes e práticas, inclusive no contexto do Vale do Jequitinhonha. Entendemos também que de toda prática social emergem processos educativos e que a produção do conhecimento acadêmico deve buscar por outras epistemologias que historicamente foram negadas nesse quadro de colonialidade do saber. Assim, como arcabouço teórico, dialogamos com autores como Enrique Dussel, Paulo Freire, Boaventura de Sousa Santos e Aníbal Quijano. Dentre os resultados da pesquisa, para este trabalho apresentaremos processos educativos que apontam como a participação de homens e mulheres no Coral, contribuiu para a transformação da realidade em que se inserem.

Palavras-Chaves: Processos Educativos; Práticas Sociais; Busca por *Ser Mais*.

Introdução

Este trabalho é resultado de pesquisa de doutorado desenvolvida junto ao Grupo de Pesquisa *Práticas Sociais e Processos Educativos* que compreende que a partir das mais variadas práticas sociais decorrem processos educativos. Nessa perspectiva, são realizados estudos com o objetivo de entender como e para que as pessoas se educam ao longo da vida, inseridas em práticas sociais. O estudo realizado teve como objetivo descrever e analisar processos educativos desencadeados a partir do Coral Trovadores do Vale, situado na cidade de Araçuaí, Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais.

O Coral Trovadores do Vale é formado por mulheres e homens da própria comunidade e está em atividade há 49 anos. São artesãs e artesãos, professoras, carpinteiros, motoristas, estudantes, donas de casa, que cantam e dançam um repertório composto por cantos de trabalho, como cantos de canoeiros, cantos de tropeiros, cantos de boiadeiros, cantos de machadeiros, além de cantigas e danças de roda e louvores religiosos, todos oriundos da vida do povo do Vale do Jequitinhonha. Sendo assim, o Coral Trovadores do Vale preserva por quase meio século um repertório que nasce da própria cultura do povo, saberes produzidos pelo povo, do qual faz parte, e novamente a ele devolvidos por meio do próprio Coral. Entendemos que no seio de tal prática social decorrem processos educativos. São processos educativos não apenas vinculados ao que cantam, mas também nas relações daqueles que cantam, como cantam e com quem cantam.

Partimos da problemática de que o legado colonial e moderno marginalizou saberes e práticas, inclusive no contexto do Vale do Jequitinhonha. Historicamente, o colonialismo, a colonialidade e o “legado epistemológico do eurocentrismo nos impede(m) de compreender o mundo a partir do próprio mundo em que vivemos e das epistemes que lhes são próprias (PORTO-GONÇALVES, 2005, p.3). No Vale do Jequitinhonha isso é perceptível desde a ocupação territorial e exploração dos recursos minerais e naturais entre os séculos XVII e XIX, passando pela intervenção do estado na segunda metade do século XX por meio de ações “desenvolvimentistas” que o deixaram conhecido como “Vale da miséria”, até a atualidade, principalmente com a exploração por meio da monocultura do eucalipto. Entendemos que esse projeto moderno, como paradigma eurocêntrico, capitalista e colonial, para além da apropriação material exercida, traz uma imposição epistêmica que resulta no silêncio parcial de outras epistemologias. Um verso de batuque próprio da cidade de Araçuaí, nos revela a problemática de que tratamos: *Batuque na cozinha sinhá não quer, por causa do batuque queimei meu pé*.

Dessa forma, a democratização de tais narrativas é fundamental para propostas vinculadas à educação e especificamente à interface educação e música, tendo como concepção de educação todo processo histórico do ser humano de atuação e transformação do mundo.

Modernidade, colonialismo e colonialidade

Segundo Enrique Dussel, podemos falar em dois conceitos de modernidade. O primeiro, eurocêntrico, define-se pela emancipação de um estado de imaturidade, por um esforço racional, que inaugura à humanidade um novo desenvolvimento humano. Ainda segundo este conceito, esse processo crítico originou-se na Europa, em essência no século XVIII. Trata-se de um conceito eurocêntrico, pois apresenta que o ponto de partida da “modernidade” é unicamente intra-europeu: “renascimento italiano, a reforma e ilustração alemãs e a revolução francesa.” (DUSSEL, 2005, p.28). Dussel coloca que “segundo esse paradigma, a Europa tivera características *internas* que permitiram que ela superasse, essencialmente por sua racionalidade, todas as outras culturas” (2012, p.51). O segundo conceito de modernidade

também tem origem na Europa. Porém, nesta perspectiva, ela torna-se factível apenas a partir da relação com o não europeu, sendo, portanto, um processo em escala mundial. Nesse caso, a modernidade tem origem a partir de 1492 junto com o colonialismo, onde pela primeira vez pode-se falar em uma história mundial e onde a Europa, mundo “moderno”, coloca-se como centro, constituindo todas as outras culturas como sua periferia (DUSSEL, 2005).

Quer dizer, a modernidade europeia não é um sistema independente autopoietico, autorreferente, mas é uma “parte” do “sistema-mundo”: seu *centro*. A Modernidade, então, é um fenômeno que vai se mundializando; começa pela constituição *simultânea* da Espanha com referência à sua “periferia” (a primeira de todas, propriamente falando, a Ameríndia: o Caribe, o México e o Peru) (DUSSEL, 2012, p.52).

Seguindo esta perspectiva, Quijano (2005) coloca que no processo de constituição histórica da América, estabeleceu-se pela primeira vez um padrão global de controle do trabalho, recursos e produtos, o capitalismo mundial. Dessa forma, colonialismo, capitalismo global e modernidade estão intimamente ligados e possuem origem comum.

Porém, faço menção a outro conceito, formulado por Wallerstein (1992) e retomado por Quijano (2010), que se relaciona e origina-se no bojo desta conjuntura. Trata-se da colonialidade. O conceito de colonialidade, para Quijano (2010), é diferente do de colonialismo. O colonialismo faz referência a uma estrutura de dominação e de controle de uma determinada população sobre outra, geralmente com suas sedes centrais em localizações territoriais distintas. Já a colonialidade, é mais profunda e duradoura, “mas foi, sem dúvida, engendrada dentro daquele e, mais ainda, sem ele não poderia ser imposta na intersubjetividade do mundo tão enraizado e prolongado.” (2010, p. 84). Segundo Quijano, a colonialidade opera em diversos planos do cotidiano social, sejam planos materiais ou subjetivos. Nela, um conhecimento “denominado racional, foi imposto e admitido no conjunto do mundo capitalista como a única racionalidade válida e como emblema da modernidade.” (2010, p.86). Nesse caso, trata-se de “uma colonização do imaginário dos dominados, atua na interioridade desse imaginário” (1992, p.12).

Isso foi produto, no início, de uma sistemática repressão não só de específicas crenças, ideias, imagens, símbolos ou conhecimentos que não serviram para a dominação colonial global. A repressão recaiu, em primeiro lugar, sobre os modos de conhecer, de produzir conhecimento, de produzir perspectivas, imagens e sistemas de imagens, símbolos, modos de significação; sobre os recursos, padrões e instrumentos de expressão formalizada e objetivada, intelectual ou visual (QUIJANO, 1992, p.12).

Tal repressão do imaginário, conhecimento, formas de expressão, foi seguida da imposição, por parte dos dominadores, de seus próprios padrões, crenças e imagens.

Dessa forma, o conceito de colonialidade torna-se fulcral ao falarmos em educação. A educação bancária, tão criticada por Freire, aponta nessa direção. Nela, “o ‘saber’ é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber” (FREIRE, 2005, p.67). Segundo Freire, na concepção bancária de educação o educador realiza depósitos nos educandos, como vasilhas a serem preenchidas. No bojo dessa relação bancária, não percebemos unicamente uma não valorização do conhecimento do educando. A educação bancária vai muito além disso, pois no processo de negação da subjetividade do outro, seus conhecimentos, identidade, práticas, ocorre também um processo de colonialidade que não só desconsidera outras formas de saber, mas desconsiderando-as, desconsidera formas de ser, desumaniza.

Para Santos, tal pensamento moderno é um pensamento abissal, onde a realidade social é dividida por linhas radicais em dois universos distintos: “o universo ‘deste lado da linha’ e o universo ‘do outro lado da linha’.” (2010, p.32). O outro lado da linha, não só está à margem, mas desaparece enquanto realidade, torna-se inexistente, invisível. No pensamento abissal é impossível que ambos os lados da linha existam em copresença. O autor ainda diz que “do outro lado da linha, não há conhecimento real; existem crenças, opiniões, magia, idolatria, entendimentos intuitivos ou subjetivos, que, na melhor das hipóteses, podem tornar-se objetos ou matéria-prima para a inquirição científica” (2010, p.34). Mediante isso, o pensamento moderno elegeu monoculturas, produzindo então não-existências.

Ao analisar aspectos históricos no Vale do Jequitinhonha, é possível perceber como foi imposto, sob o olhar moderno, um Vale designado como primitivo. Isso se dá desde sua ocupação territorial, que ocorre por influência das atividades econômicas vinculadas principalmente à mineração e o garimpo, mas também durante a segunda metade do século XX, onde se atrelou ao Vale do Jequitinhonha algumas identidades que perduram até os dias de hoje. Nomenclaturas como “Vale da miséria”, “Vale da pobreza”, “Vale dos órfãos”, “Vale das viúvas de maridos vivos”, “Vale das lágrimas”, “Vale do desespero”, dentre outras, foram se construindo e tornaram-se comuns ao se fazer referência à região, desconsiderando seu histórico de exploração e também seus diversos saberes. Segundo Porto, ele foi e é amplamente disseminado pela mídia, sofrendo “um processo de crescimento gradativo da negatividade de seu conteúdo”. (2007, p.63). As identidades negativas que foram impostas ao Vale, contribuíram para que representantes políticos regionais vissem a possibilidade de acesso a maiores recursos externos.

Ramalho (2010) aponta que a segunda metade do século XX é considerada o período de maior atuação do Estado através da Comissão de Desenvolvimento para o Vale do Jequitinhonha (CODEVALE). Porém, segundo a autora, estudos atuais apontam o fracasso desse modelo, e as consequências sofridas até hoje pela população local, dentre elas a migração. Guerrero reitera que “nos anos 70, foi a vez das empresas reflorestadoras expropriarem os pequenos produtores de suas terras. (2009, p.85). Para Porto (2007), as décadas de 1950 a 1970 foram um marco na história do Vale do Jequitinhonha, com sua integração à economia nacional. Porém, para a autora, tal integração se deu tendo em vista a produção agropecuária em moldes capitalistas, expulsando trabalhadores rurais de suas terras, aumento da migração, desvalorização dos produtos locais e da economia local, promovendo maior necessidade de renda monetária para pequenos produtores e a construção de uma imagem carente, justificando a expansão do capitalismo e a expropriação de camponeses.

Nesse caso, a modernização é justificada e colocada como consequência ou “solução” para a região apontada “naturalmente” como carente, e não se vê na modernização a causa de muitos problemas por ela mesma colocados.

Práticas Sociais e Processos Educativos

Como apontado anteriormente, o pensamento abissal, incluindo as representações da modernidade, colonialismo e colonialidade sobre o Vale, gera esquecimentos, apagamentos inclusive epistemológicos. Segundo Santos, é necessário um pensamento pós-abissal que “tem como premissa a ideia da diversidade epistemológica do mundo, o reconhecimento da existência de uma pluralidade de formas de conhecimento...” (2010, p.54). Nosso anúncio neste tópico é que a busca por processos educativos em práticas sociais, especificamente no Coral Trovadores do Vale, contribui para epistemologias que vão além do pensamento abissal, em busca de um pensamento que seja pós-abissal.

Processos educativos emergem das mais variadas práticas sociais em que as pessoas se envolvem no decorrer da vida. Segundo Oliveira et al.:

Práticas sociais decorrem de e geram interações entre os indivíduos e entre eles e os ambientes natural, social e cultural em que vivem. Desenvolvem-se no interior de grupos, de instituições, com o propósito de produzir bens, transmitir valores, significados, ensinar a viver e controlar o viver; enfim, manter a sobrevivência material e simbólica das sociedades humanas (OLIVEIRA et al., 2014, p.33).

O Coral Trovadores do Vale se configura como uma prática social em que sua prática de canto e dança reflete o comprometimento com os bens simbólicos e a transmissão de valores existentes na região do Vale do Jequitinhonha. Suas músicas estão ligadas a realidade vivida por eles, ou seja, os ambientes natural, social e cultural. Cantam sobre o rio e seus canoeiros, pois possuem uma relação cultural e natural com o rio que ali existe. Cantam sobre os bens culturais e crenças religiosas, pois vivenciam entre o povo tais bens simbólicos.

As práticas sociais:

... se constroem em relações que se estabelecem entre pessoas, pessoas e comunidades, nas quais se inserem, pessoas e grupos, grupos entre si, grupos e sociedade mais ampla, num contexto histórico de nação e, notadamente em nossos dias, de relações entre nações, com objetivos como: repassar conhecimentos, valores, tradições, posições e posturas diante da vida; suprir necessidades de sobrevivência, de manutenção material e simbólica de pessoas, grupo ou comunidade (OLIVEIRA, et al., 2014, p.33).

Além disso, entre os integrantes do Coral, é possível perceber relações de posturas diante da vida:

As práticas sociais nos encaminham para a criação de nossas identidades. Estão presentes em toda a história da humanidade, inseridas em culturas e se concretizam em relações que estruturam as organizações das sociedades. Permitem, elas, que os indivíduos e a coletividade se construam. Delas, participam, por escolha ou não, pessoas de diferentes gêneros, crenças, culturas, raças/etnias, necessidades especiais, escolaridades, classes sociais, faixas etárias e orientações sexuais. Participam pessoas com diferentes percepções e conhecimentos, em diferentes processos de trabalho e lazer, em diferentes espaços, escolares e não escolares. Nelas, as pessoas expõem, com espontaneidade ou restrições, modos de ser, pensar, agir, perceber experiências produzidas na vida, no estudo de problemas e dificuldades, com o propósito de entendê-los e resolvê-los (OLIVEIRA et al., 2014, p. 35).

De todas as práticas sociais decorrem processos educativos que nos ensinam a olhar e ouvir o Vale de forma distinta daquela imposta pela colonialidade. Nesse sentido, é preciso re-aprender a olhar e ouvir o Vale do Jequitinhonha. O Vale continua a falar, não de forma hegemônica, mas fala na maneira como cantam, falam na maneira como produzem arte do barro, dançam, rezam, curam, comem, vivem cotidianamente, o Vale fala através de sua cultura popular. É preciso re-aprender a olhar e ouvir com sensibilidade o que o Vale está a nos dizer, é preciso atenção aos processos educativos que o Coral Trovadores do Vale canta e vive a quase 50 anos.

Nossa concepção de educação está ligada ao processo histórico do ser humano de atuação e transformação do mundo. Segundo Ribeiro Junior et al., a educação “se dá em todos ambientes sociais em que nos relacionamos com o outro e com o mundo. Ou seja, não há um momento em que os processos educativos se separam da própria vida vivida. Aprende-se vivendo.” (2013, p.168). Nesse sentido, defendemos que o Coral ensina, nos ensina, ensina a si próprio, ensina ao Vale.

Dito isto, apresentaremos agora parte dos resultados da pesquisa que nos apontam, ao longo da história do Coral, processos educativos que contribuíram para a transformação da realidade de integrantes do Coral, posturas diante da vida no âmbito individual e também no âmbito coletivo do grupo.

Um canto para *Ser Mais*

Ao longo de sua história, o Coral Trovadores do Vale foi resistência à imagem de um Vale de miséria, cantando as riquezas do Vale. Ele resiste preservando a memória de uma história pouco contada de seu povo, suas crenças, suas lutas e trabalhos, suas brincadeiras, suas práticas cotidianas. Cantar a riqueza do Vale não significa ignorar suas tristezas, pelo contrário, significa cantar como é rica a dignidade e a luta de um povo, mesmo em cenários também de tristeza.

O Coral canta sobre o rio, sobre os canoeiros, boiadeiros, tropeiros, machadeiros e tecedeiros, canta também sobre cenas cotidianas de amor, de ciúmes, de namoro, de brincadeiras. O Coral canta estas riquezas cotidianas do Vale, mas também canta a pobreza, as tristezas por ela causada e a forma digna que a enfrenta.

No estado de São Paulo

Não precisa mais chover

Só os olhos do meu bem

Faz o mato enverdecer

Nesse verso cantado pelo Coral, uma referência ao processo migratório para o estado de São Paulo, em busca de trabalho. Momento em que muitas mulheres no Vale ficam separadas de seus maridos, alguns que não mais voltam. São chamadas de “viúvas de marido vivo”.

Em 1973, o Coral fez uma apresentação para o então Governador de Minas Gerais, Rondon Pacheco, por ocasião da inauguração do Campus Avançado, projeto Rondon, na cidade de Araçuaí. Dentre os versos cantados, destacamos:

Cadê meu dedo, cadê minha mão,

Cadê minha faca e meu facão

Cadê gente rica que tem boa ação

Cadê gente pobre que tem opinião

Na fala de Frei Chico^[1], esta proposta de se cantar um Vale rico, em oposição ao chamado Vale da miséria, também fica clara.

A gente quis mostrar a dignidade, a riqueza. Ajudar o povo, aprendi com Paulo Freire, ajudar o povo, em primeiro lugar, é dar valor àquilo que ele já tem e eu sempre falava, eu quero aprender com vocês né, não ensinar. Aí, o que o povo já tem? Sua cultura, sua história, suas lideranças, seus ideais. (Frei Chico, entrevista (E) 10/07/2015)

Ainda segundo Frei Chico, *“o coral mostra a riqueza dos pobres”, “uma cultura coerente com a realidade do povo, dono dessa cultura”*.

O objetivo de se contar a história e as próprias vivências do povo do Vale, foi relatado por vários integrantes e ex-integrantes do Coral durante as entrevistas realizadas. Os mais novos relatavam que as músicas falavam do cotidiano do povo do Vale, e por meio delas eles também vivenciavam este contexto, mesmo que não fosse a realidade individual deles. Outros, mais velhos, já falavam sobre o valor em se cantar a vida que eles mesmos viveram, a vida do povo, a vida do Vale.

Isso pra mim é muito grandioso, porque assim, você canta vivendo aquele momento. Não é só cantar por cantar, você percebe que por dentro daquilo ali tem uma intimidade muito grande de quem compôs, de quem botou aquilo no papel, ou tirou aquilo da vivência, é vida. [...] Você vive o que você tá cantando, não é cantar por cantar. [...] a gente vive a música e independente de estar aqui ou estar em outro lugar, a vivência da música fica dentro da gente. (Vanessa, (E) 14/07/2015)

Não, eu tenho consciência, eu não sinto vergonha nenhuma de cantar as nossas músicas não, porque ela fala da vida da gente, fala da vida da gente, depois o tanto de apresentação que a gente fez lá fora dá pra perceber que as pessoas gostam e valorizam. [...] Muito significativo a gente apresentar o que a gente sabe, o que a gente sabe que tem valor, que “cê” aprendeu com a mãe, “cê” aprendeu com a vó ou aprendeu com o vizinho né, isso é muito importante. [...] Porque nos cantos a gente vê isso, os versos “fala” da vida do nosso povo, a gente canta a vida do vale. Então o coral é muito importante nesse sentido de trazer pessoas para o vale pra conhecer, porque conta dessa cultura que é muito rica. (Lira, (E) 17/07/2015)

Então aí o objetivo do coral é esse, é não deixar morrer a bonita cultura, principalmente musical, do Vale do Jequitinhonha [...] a intenção do coral foi sempre essa, continuar deixando viva a cultura do povo que é simples, mas é um povo assim amigo, é um povo que assim não tem vergonha de ser o que é. Eu por exemplo, não tenho vergonha de falar que eu nasci na beirada, no rabo da gata como se diz. (Miracy, (E) 17/07/2015)

As várias falas que foram apresentadas nos mostram como o Coral ensina sua própria cultura, cultura popular, contribui para a manutenção dessa cultura, mantendo-a viva. Brandão nos mostra que a cultura popular é a cultura feita e praticada no cotidiano da vida do povo (1988, p. 35 e 36). Dussel nos diz que ela *“é o fruto do compromisso e da história do povo”* (1997, p.147). Assim, Lira nos diz que as músicas que Coral canta, *“fala da vida da gente”*. Vanessa, também nessa direção, diz que as músicas do Coral têm profunda intimidade com a própria vivência de quem a compôs. Ela diz que a música *“é vida”* e por mais que ela não tenha vivido muitos dos contextos que as músicas apresentam, por ser ela mais nova, ela diz: *“a gente vive a música”, “a vivência da música fica dentro da gente”, “a gente vivência isso através da música”*. Em outras palavras, Vanessa por meio da música experimenta a vivência de seu próprio povo, de sua própria cultura, de sua história. Isso nos mostra o processo de cultura popular vivido e divulgado pelo Coral. Ele canta sua cultura e a vive por meio das músicas que cantam.

Além disso, o Coral mantém essa cultura viva, e as falas também nos dizem isso: *“o objetivo do Coral é esse, é não deixar morrer a bonita cultura, principalmente musical do Vale do Jequitinhonha”*. Dussel nos apresenta que a cultura popular é o centro da resistência do oprimido contra o opressor. A cultura popular, segundo o autor, deve ser o ponto de partida para o diálogo intercultural. (DUSSEL, 2016, p.53). Mantê-la viva, objetivo do Coral segundo as falas apresentadas, é um movimento que busca a resistência apresentada por Dussel, um movimento que busca ir além da própria modernidade e colonialidade.

Acreditamos que o cantar de nossa própria riqueza, nos enriquece. Valorizar nossa cultura, nos valoriza. Cantar nossa história, nos faz participantes dela, como seres históricos e inconclusos, atuantes na realidade, não para a ela nos adaptar, mas para mudar. Para Freire (2005), a concepção bancária, imóvel, fixa, desconhece os homens e mulheres como seres históricos. Por outro lado, uma concepção problematizadora parte da historicidade dos homens e mulheres. Ela os reconhece enquanto seres que estão sendo, inacabados e inconclusos, assim como sua realidade também o é igualmente inacabada. É por este motivo, para o autor, que a educação é uma manifestação exclusivamente humana, pois na raiz desta inconclusão há um permanente fazer, um *estar sendo*, uma busca por *ser mais*. Na educação problematizadora, mulheres e homens são:

...seres que caminham para frente, que olham para frente; como seres a quem o imobilismo ameaça de morte; para quem o olhar para trás não deve ser uma forma nostálgica de querer voltar, mas um modo de melhor conhecer o que está sendo, para melhor construir o futuro. Daí que se identifique com o movimento permanente em que se acham inscritos os homens, como seres que se sabem inconclusos; movimento que é histórico e que tem o seu ponto de partida, o seu sujeito, o seu objetivo. (FREIRE, 2005, p.84 e 85).

Ao cantar suas riquezas, ao olhar para seu passado, o Coral busca reconstruir seu futuro, produz realidade. Na fala de Fatinha, integrante do Coral, quando me pontuou a importância em se cantar os cantos de trabalho, ela busca justamente olhar o passado, construindo o presente e o futuro: *“isso é uma coisa que a gente quer mostrar, o valor disso, a beleza disso, até pra gente tomar um exemplo pra hoje, a gente poder não jogar tanto uma carga pesada nessa coisa que a gente tem de correr pra trabalhar e pra ganhar dinheiro.”*

Freire (2005) ainda diz, que para esta mudança, para esta transformação da realidade, é necessário que se olhe para

a realidade não como algo fatal e intransponível, mas como uma situação desafiadora, que apenas os limita. Veremos nos relatos dos integrantes que serão apresentados, trabalhos como o de doméstica, por exemplo, onde a relação com a “patroa” passou a ser condicional. Visões sobre a relação com “bacharéis” ou “juizes”, em que também se passou a questionar. Falamos aqui de uma prática social que produz processos educativos que transformam a realidade. Segundo Freire, “o fatalismo cede, então, seu lugar ao ímpeto de transformação e de busca, de que os homens [e mulheres] se sentem sujeitos (2005, p.85).”

Este movimento de busca, porém, só se justifica na medida em que se dirige ao ser mais, à humanização dos homens [e mulheres]. E esta, como afirmamos no primeiro capítulo, é sua vocação histórica, contra-ditada pela desumanização que, não sendo vocação, é viabilidade, constatável na história. E, enquanto viabilidade, deve aparecer aos homens [e mulheres] como desafio e não como freio ao ato de buscar. (FREIRE, 2005, p.86)

Segundo alguns integrantes do Coral e segundo o próprio Frei Chico, no Coral haviam algumas mulheres que trabalhavam em casas de família como domésticas. Depois que começaram a cantar no Coral, principalmente quando havia alguma viagem para alguma apresentação, elas começaram a negociar com suas patroas, pedindo dispensa muitas vezes de até três dias de serviço, em favor da apresentação que fariam. Algumas, antes mesmo de serem admitidas em algum trabalho, já deixavam claro que só poderiam trabalhar ali na condição de poder ser dispensada por motivos vinculados ao Coral.

Eu só posso ficar se eu puder viajar quando o coral tiver alguma viagem pra fora, era nessa condição. E os estudantes também, a gente ia pessoalmente, eu mesmo já fiz várias cartinhas pra escola, pro colégio, avisando que a pessoa ia ficar tantos dias afastado pra abonar aquela falta do estudante, a gente fazia isso direto. E a própria pessoa interessada, olha, eu só posso ficar com a senhora, eu só posso trabalhar aqui se eu puder viajar quando o coral viajava. (Miracy, (E) 17/07/2015)

Era significativo o fato delas estabelecerem uma condição para o trabalho. “Eu só vou se...”. Segundo a irmã de Miracy, que acompanhou toda entrevista que fiz, o Coral tirou muita gente do anonimato, porque muitas eram empregadas domésticas ou não tinham “*profissão de destaque*.” Miracy mesmo me disse que o Coral contribuiu para que conhecessem seu próprio valor.

Sentir valorizada, “cê tá entendendo? Sentir acolhida, sentir assim prestativa, então é mais um motivo pra pessoa sair de casa e falar assim, eu vou fazer isso, junto com as outras pessoas. (Miracy, (E) 17/07/2018)

Freire nos diz que essa busca por *Ser Mais*, não se realiza no isolamento, no individualismo, “mas na comunhão, na solidariedade dos existires”. (p.86) Solidariedade que proporcionou um movimento contínuo de busca não só de um ou outro componente do Coral, mas de vários outros e também de todo o grupo em coletividade. Frei Chico me contou que uma vez o Coral foi convidado para cantar para um grupo de prefeitos do Vale, na cidade de Itinga. Eles se prepararam, ensaiaram as músicas e as danças e deixaram tudo em ordem. No dia da apresentação, chegou um ônibus velho, todo empoeirado, com muita terra. O Coral estava com suas roupas limpas e bordadas e olhando o ônibus, se recusaram a ir nele. Contando sobre o mesmo caso, Miracy me descreveu:

Quando chegou aquele ônibus, não, nesse ônibus a gente não vai não, e nós não fomos, porque de qualquer jeito, que jeito “cê” ia chegar lá também? Acho que eles “pensou”, vou mandar qualquer carro, eles pensaram assim, eles vão ter que vir mesmo, porque “tão” querendo vir. Quem anda de canoa numa boa, na maciata da canoa, no fofinho do rio, vai querer andar de carro velho? Não vai né! (Miracy, (E) 17/07/2015)

Em uma das histórias que pude ouvir, desta vez em conversa com Tião, responsável por ensaiar o Coral, percebi como para ele o Coral também foi um local de aprendizados e de autoafirmação. Segundo o próprio Tião, foi significativa umas das falas de Frei Chico para ele:

Teve um dia que ele falou comigo uma coisa que eu não esqueço nunca. O Sebastião, é bom a gente ser humilde, tá entendendo, mas às vezes excesso de humildade chega a ser até atraso. “Cê” não pode ser humilde assim não, porque você fica (dizendo) “cê” não tem condições, “cê” não tem condições, “cê” nunca fez “vamo” tentar, “vamo” experimentar. (Sebastião, (E) 13/07/2015)

Tião se referia ao processo de entender que ele tinha sim condições de seguir em frente com o Coral, dirigindo os ensaios, principalmente após a saída de Frei Chico.

As Crônicas do Coral^[2] nos mostram outras situações em que o Coral tomava suas decisões de forma consciente e em acordo coletivo. Um exemplo significativo, foi um trecho encontrado em que discutem sobre a participação ou não em um evento vinculado à prefeitura, apontando as razões para a tomada de decisão:

Ainda neste sábado, a Fatinha nos transmitiu um convite da prefeitura ao coral, para participar das atividades a serem realizadas na semana da Feira de Gados [...] Fatinha nos informou que havia participado de uma ou duas reuniões, nas quais foram discutidos tais assuntos e, pelo que ela entendeu, o coral só foi convidado, como se diz, à título de “tapar buraco”, pois outros artistas seriam convidados e parece que com muito maior prestígio. Receberiam altos cachês, enquanto o coral e outros artistas daqui, não receberiam nada. A informação caiu como uma bomba, pois achamos um desaforo, ainda mais que o coral nunca foi valorizado pela prefeitura, nem recebeu nenhum apoio moral ou financeiro por parte de seu prefeito e funcionários, anteriormente. Várias opiniões foram dadas a respeito do fato. A Lira então virou uma arara. Chegou a se levantar para falar, gesticulando como se fosse um discurso numa briga. Afirmou categoricamente que o coral poderia até ir, mas ela não iria de forma alguma. O Frei Chico fez uma observação muito boa, alegando que ele estava de acordo com todas as opiniões, que realmente era um erro aquele convite, mas o coral é quem decidia tudo. (C.C)

As histórias apresentadas nos mostram como ao longo dos anos os integrantes do Coral, em situações individuais ou coletivas, foram prosseguindo neste processo de busca, como seres inacabados e históricos. Seja na relação com o trabalho que exerciam fora do Coral, seja na relação de afirmação de si mesmos, na relação entre os próprios integrantes ou em momentos coletivos de resistência.

Por fim, faço a última narrativa que me foi contada por Fatinha, que a meu ver nos mostra como este processo de busca, vocação para *Ser Mais*, humanização, vai se tecendo e se fortalecendo ao longo dos anos.

Uma vez nós fomos cantar para uns bacharéis, uns juizes, um pessoal aí que chegou, teve uma reunião no fórum, de juizes, promotor, não sei o que mais, e aí depois teve um jantar num sítio do prefeito na época e aí eles convidaram o coral pra cantar [...] Aí eles convidaram o coral pra cantar, mas não porque valorizavam, acho que era mesmo pra enfeitar, pra não falar que não tinha nada. Fomos, ah, porque vai ter os bacharéis, não sei o que, levamos também discos pra vender e tal. Aí fomos, chegou lá, os carros “veio” buscar direitinho, chegou lá e aí nós começamos. Vocês vão ficar aqui, trocamos de roupa, vestimos o uniforme e aí começamos a cantar. Só que a gente começou a cantar, cantamos uma música, aí o pessoal “tava” com aquele

barulhão, preocupado com comida, ninguém “tava” dando a mínima atenção para o coral. Aí “cantamo” uma música, depois acabou uma música, aí começamos outra, o pessoal nada, aí “cantamo” a terceira música, nada. Aí nós falamos, oh, quer saber “duma” gente, vão “bora”? [...] Vão “bora”, isso aqui não dá pra nós não, nós não somos “bebelô” pra “tá” enfeitando nada, aí começamos a arrumar as coisas pra ir embora. Aí veio uma mulher das que “tava” na organização, e nós falamos, nós vão “bora”, já “cantamo”, já “cantamo”, nós vão “bora”. Ah, “cês” tem que cantar, que “cês” tem. Não, obrigada. Ah não, mas “cadê” os discos, era o disco que era o vinil ainda... “cadê” os “disco”, nós “vamo” comprar disco pra poder presentear o pessoal, não sei o que. Não, os “disco” “tá” aqui, se quiser comprar “tá” aqui, mas nós vamos embora, e já “fomo” arrumando, os menino já “foi” arrumando os “instrumento” e tudo.... aí ela chegou, quanto que é o disco? Nós “falamos”. Ela falou, não, “cê” “tá” doido? [...] Ah o que, “cê” “tá” doida, “tá” caro demais. Aí ela virou pra mim e falou assim, mas Julio Iglésias que é Julio Iglésias eu comprei um disco de não sei quanto. Aí eu falei assim, ah foi? Julio Iglésias? Então acho que ela pensou assim uai, ah, então ela vai ver que “tá” caro. Aí eu falei assim, ah foi Julio Iglésias? Foi, Julio Iglésias, eu comprei de tanto. Então, Julio Iglésias é Julio Iglésias, os Trovadores do Vale “é” os Trovadores do Vale e o nosso e tanto. Não, saímos de lá sem vender um disco, ela não comprou mas nós também não vendemos, não vendemos. [...] Então assim, tem umas coisas assim entendeu? [...] (Fatinha, (E) 15/07/2015)

É interessante notar a valorização para com o Coral e para consigo mesmo. Valorização que passa não apenas pelo fato de ser convidado, mas de efetivamente ser ouvido. Valorização que faz com que se pontue, “o Trovadores do Vale é o Trovadores do Vale”. Valorização que passa pelo questionamento e pela consciência de poder dizer “Não, obrigado!”, “Vamo embora”, sejam eles quem forem, juizes ou não. Por outro lado, a indignação da pessoa responsável pela organização do evento, nos mostra o que nos diz Freire, “Nenhuma ‘ordem’ opressora suportaria que os oprimidos todos passassem a dizer: ‘Por quê?’”. (2005, p. 87).

Para além da narrativa, Fatinha conclui a história com uma fala extremamente consciente, fala humanizada com que finalizo este tópico:

A gente vai aprendendo muito ao longo dessas coisas também, no início a gente aceita, depois a gente quebra a cara, depois a gente vê que a gente pode questionar e pode exigir, então assim, é um aprendizado muito grande, eu falo, a gente ainda é muito besta com muita coisa, mas a gente já aprendeu muito e cada vez mais a gente tem aquela certeza, aquela firmeza que a gente pode falar com eles assim de igual pra igual, falo, assim não, nós queremos assim, nós podemos ditar nossas regras, entendeu? Porque num lugar desse, perto de coronéis que sempre “mandou”, então as vezes a pessoa não acredita que as vezes você pode reverter a situação, reverter o quadro, você pode, e nosso trabalho faz isso. Isso acabou de um certo tempo, depois que a política aqui deu uma mudada, foi acabando, mas o negócio aqui era coronelismo mesmo, era comandado, tem região aqui que ainda é assim, mas aos poucos vai mudando muita coisa, mas não é fácil não. (Fatinha, (E) 15/07/2015)

A fala forte de Fatinha nos aponta para processos educativos vindos do Coral. Nela Fatinha diz: “a gente pode questionar”, “pode exigir”, e conclui dizendo que isso é fruto de um aprendizado, processo educativo que emerge do Coral. Ela também diz: “a gente pode falar com eles assim de igual pra igual”. Trata-se de uma educação libertadora, a concepção de educação que aqui trazemos, uma educação que busca transformar a realidade. Como diz Fiori, uma educação que é “processo histórico no qual o homem [e a mulher], se re-produz, produzindo seu mundo”. (1990, p.80).

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é folclore**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

DUSSEL, Enrique. **Oito ensaios sobre cultura latino-americana e libertação**. São Paulo: Paulinas, 1997.

_____. Europa, modernidade e eurocentrismo. In: LANDER, Edgardo. (org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e Ciências Sociais. Perspectivas Latinoamericanas**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. CLACSO, 2005. (Colección Sur Sur).

_____. **Ética da Libertação na idade da globalização e da exclusão**. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

_____. Transmodernidade e interculturalidade: interpretação a partir da filosofia da libertação. **Revista Sociedade e Estado**. Vol. 31, nº 1. Jan/Abril, 2016.

FIORI, Ernani Maria. **Textos escolhidos**: V. II.: Educação e Política. Porto Alegre: L&PM, 1991. 296 p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GUERRERO, Patrícia. Vale do Jequitinhonha: A região e seus contrastes. **Revista discente Expressões Geográficas**. Florianópolis, nº 5, ano V, p.81 – 100, maio de 2009.

OLIVEIRA, Maria W. et al. Processos Educativos em Práticas Sociais: reflexões teóricas e metodológicas sobre pesquisa educacional em espaços sociais. In: OLIVEIRA, Maria W.; SOUSA, Fabiana R. (org.) **Processos Educativos em Práticas Sociais**: Pesquisas em Educação. São Carlos: EDUFSCar, 2014. P. 29-46.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. Apresentação. In: LANDER, Edgardo. (org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e Ciências Sociais. Perspectivas Latinoamericanas**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. CLACSO, 2005. (Colección Sur Sur).

PORTO, Liliã de Mendonça. **A ameaça do outro: magia e religiosidade no Vale do Jequitinhonha**. São Paulo: Attar editorial, 2007.

QUIJANO, Anibal. Colonialidad y modernidade/racionalidade. In: **Perú indígena**, vol. 13, nº 19, p. 11-20, 1992.

_____. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo. (org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e Ciências Sociais. Perspectivas Latinoamericanas.** Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. CLACSO, 2005. (Colección Sur Sur).

_____. Colonialidade do poder e classificação social. In: MENESES, Maria Paula e SANTOS, Boaventura de Sousa. (org.). **Epistemologias do sul.** São Paulo: Cortez, 2010.

RAMALHO, Juliana Pereira. **Modelando a vida e entalhando a arte**: o artesanato do Vale do Jequitinhonha. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural, Universidade Federal de Viçosa, 2010.

RIBEIRO JUNIOR, et al. Educar-se com grupos, organizações e movimentos sociais: processos educativos em práticas sociais populares. **Revista Pedagógica**, Chapecó, v.15, n.181, p.45-58, jul./dez.2013.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: MENESES, Maria Paula e SANTOS, Boaventura de Sousa. (org.). **Epistemologias do sul.** São Paulo: Cortez, 2010.

WALLERSTEIN, Emmanuel. Creacion del sistema mundial moderno. Editorial Norma: Colombia, 1992.

[1] Frei Chico é um Frei holandês que chegou ao Vale no final da década de 1960 e por iniciativa dele o Coral foi fundado em 1970. Ao ouvir a cozinheira da casa paroquial, que era viúva de um canoeiro, cantar durante suas atividades domésticas, aprendeu as músicas que viriam compor o primeiro repertório do Coral Trovadores do Vale.

[2] As Crônicas do Coral são vários cadernos escritos à mão pela secretária do Coral, em acordo com todo o grupo, com o objetivo de registrar histórias, ensaios, viagens, alegrias, tristezas, despedidas, dentre outros registros.